

Representações da diáspora cabo-verdiana: a obra de Orlanda Amarílis

Representations of the Cape Verdean diaspora: the work of Orlanda Amarílis

Maria do Carmo Cardoso Mendes

Universidade do Minho
mcpinheiro@ilch.uminho.pt

Palavras-chave: Amarílis (Orlanda), diáspora, literatura cabo-verdiana.
Keywords: Amarílis (Orlanda), diaspora, Cape Verdean literature.

1. A vida da escritora cabo-verdiana Orlanda Amarílis (nascida na ilha de Santa Catarina em 1924) é ela mesma um exemplo de diáspora. Os estudos secundários iniciados na cidade do Mindelo (ilha de S. Vicente) seriam completados em Goa e em Lisboa. O casamento com o escritor e investigador Manuel Ferreira levaria Amarílis a fixar residência em Lisboa. Realizou com Manuel Ferreira viagens por diversos países, cumprindo a diáspora. Claudia Pazos Alonso (2005, p. 46) qualificá-la-ia como “a displaced Cape-Verdian” que conheceu bem “the contradictions of being simultaneously an insider and an outsider”.

A colaboração na revista *Certeza*, diretamente associada ao movimento neo-presencista, significou o início da carreira literária da escritora.

As suas três coletâneas de contos – *Cais do Sodré té Salamansa*, *Ilhéu dos Pássaros* e *A Casa dos Mestros* – permitem identificar o relevo concedido à mulher cabo-verdiana. É sobre a visão feminina da diáspora que concentrarei a minha reflexão na análise de alguns contos.

2. No prefácio à terceira coletânea de contos de Orlanda Amarílis, *A casa dos Mestros*, Pires Laranjeira (1989, p. 10), sustenta que “Com a diáspora por cenário se abrem os três livros de contos de Orlanda Amarílis, que logo se continuam em histórias localizadas no chão das ilhas, de outros tempo (anos 30, 40 e 50)”.

De facto, a diáspora cabo-verdiana está presente desde a primeira coletânea de contos da escritora, *Cais do Sodré té Salamansa*, como cataforicamente é sugerido pelo título da obra: Lisboa, espaço privilegiado da emigração cabo-verdiana, e o cais do Sodré, estação de partida e de chegada de/para bairros circundantes da capital, são o ponto de partida para uma evocação nostálgica de Cabo Verde, metaforicamente representada pela praia de Salamansa. A homenagem ao país de origem surge representada no termo crioulo “té”. A estação é o espaço de encon-

tro fortuito de duas compatriotas, Andresa e Tanha, que, depois de uma compreensível resistência inicial, acabam por estabelecer um diálogo de memórias em volta da ilha em que ambas cresceram. Para a protagonista, as reminiscências têm um valor de presentificação e de construção de identidade, que a vinda para Portugal terá feito desaparecer: “Andresa relembra tudo isso com tanta minúcia como se tivessem passado dias atrás. Como se nunca se tivesse despegado da Mãe-Terra, e tivesse continuado as pegadas de nhô Simão Filili, de nhô Faia, de Antoninho Ligório, do Pitra” (Amarílis, 1991, p. 21).

Emigrada em Portugal há quinze anos, Andresa evoca a tranquilidade do seu país natal, a facilidade dos relacionamentos interpessoais, e o contraste entre essas qualidades e a impessoalidade e agitação de uma capital europeia. A perda de identidade promovida pelo desenraizamento só seria superada num regresso, que sabe ser impossível, à cidade do Mindelo:

Se encontra pessoas, como ela, vindas daquelas terras de espreguiçamento e lazeira, associa-se quase sempre a uma ou outra família. Se não as conhece, bom, de certeza conheceu o pai, ou o primo ou o irmão, ou ainda uma tia velha, doceira de fama, até talvez uma das criadas lá da casa. E a conversa, por esse elo, estende-se, alarga-se, num desfolhar calmo, arrastado, saboroso quase sempre. (Amarílis, 1991, p. 11)

A solidão sufocante, que Andresa acabará por tentar colmatar acompanhando Tanha no seu percurso e abrindo assim a possibilidade de reencontro com a sua identidade cabo-verdiana, surge também claramente exposta no quarto conto desta coletânea, desde o título, “Desencanto”, revelador das expectativas frustradas de uma mulher emigrante, uma “escriturária de segunda classe” que habita a margem sul de Lisboa.

Outro motivo crucial que reforça o desenraizamento feminino é a impossibilidade de se envolver com um homem branco, em função de um preconceito racial de que a personagem se sente alvo quando homens brancos a identificam como mestiça. Durante uma travessia do Tejo, no regresso a casa, observa-se um episódio revelador desse preconceito:

Um homem comenta para outro: ‘Malandro, estás a fazer-te prà mulata’ [...]. Encruzilhada pela qual tem de escolher. Sempre a fugir de andar com os patrícios de cor para não a confundirem e afinal é um branco que lhe vem lembrar a sua condição de mestiça. (Amarílis, 1991, p. 45)

O dilema da protagonista traduz ainda o desconforto com a sua cor de pele, apresentada como elemento de interdição para um envolvimento com compatriotas. A experiência frustrante do exílio é reforçada neste conto pela ausência de nome da protagonista. Em Lisboa, onde desapareceu a identidade, parece ter também perdido o nome próprio.

Os dois espaços principais de *Cais do Sodré té Salamansa* são recuperados na última coletânea de contos de Orlanda Amarílis, *A Casa dos Mastros*. Também aqui os protagonistas são geralmente mulheres que vivem a experiência frustrante da emigração em Lisboa. Recordo apenas o penúltimo conto da coletânea, pois ele traduz paradigmaticamente a dicotomia viagem real-viagem imaginária e a decepção da emigração. No conto “Tosca”, um desejo alimentado durante déca-

das transforma-se em realidade que, todavia, não oferece à protagonista senão a desilusão do desenraizamento:

Tosca sonhou toda a vida passar uns tempos em Lisboa. Nunca teve esse prazer e é, passada a sua mocidade, a oportunidade para a realizar. Viagem sonhada, adiada e, por fim, esquecida. Eis, porém, o sonho tornando-se realidade quando, uma manhã, toma o avião para o Sal e, daí, para Lisboa.

Mas estar em Lisboa é, muitas vezes, estar com o nosso passado e com as nossas recordações. (Amarílis, 1989, p. 107)

A experiência da emigração pode, no entanto, revelar uma frustração bem mais profunda do que aquela que se vê retratada nos contos “Cais do Sodré”, “Desencanto” e “Tosca”. Assim, na narrativa que abre *Ilhéu dos Pássaros*, a emigração de dois meios-irmãos para Thonon-les-Bains (localidade francesa próxima da fronteira com a Suíça) transforma-se numa experiência de horror marcada pelo homicídio da protagonista e pelo projeto de vingança do meio-irmão.

A emigração para França representa para a família que permaneceu em Cabo Verde, em particular para a mãe de Piedade, a esperança de melhorar condições de vida dominadas por carências impostas pelo rigor do clima. Nh’Ana confia a uma vizinha as razões que levaram os dois filhos a emigrar:

Sabe, comadre, a vida aqui já não podia continuar como era. Sete anos sem chuva é muito. Eu não tenho nem uma migalha de reforma de Deus-Haja. Nós vivemos da renda dos bocadinhos de terra e de mais alguma coisinha, encomendas dos nossos rendeiros, um cacho de banana de vez em quando, uns ovinhos, um balaio de mangas uma vez por outra, umas duas quartas de milho e é tudo. (Amarílis, 1983, p. 14)

Ao mesmo tempo, nh’Ana acalenta a esperança de que a filha encontre um marido branco, o que acabará por acontecer. Gabriel explicaria numa carta que Piedade “andava de namoro com um francês. Era um bocado mais velho mas estava certo, mãe Ana. Ela vai ficar bem arrumada” (Amarílis, 1983, p. 15). “Ficar bem arrumada” significa, para a mãe de Piedade, ter netos “de cabelo fino e olho azul ou verde” (Amarílis, 1983, p. 18), ou seja, crianças brancas e não negras ou mestiças.

Nas escassas cartas que escreve à mãe, Piedade não se mostra muito entusiasmada com a perspectiva de casamento com um francês bem mais velho e demasiado sisudo. Acabará por ser degolada por ele, na festa de aniversário do irmão. O regresso de Gabriel a Cabo Verde prova a condição marginalizada do emigrante que tenta explicar a inutilidade de apresentação de queixa às autoridades policiais:

Isso não adiantava nada. Eles sabiam mãe Ana, sabiam, isto é, desconfiavam, mas eu sou emigrante. Emigrante é lixo, mãe Ana, emigrante não é mais nada. [...] Não sabia mais que dizer sobre aqueles dias de pesadelo, nem ia contar como ele e os companheiros tinham sido enxovalhados na polícia. (Amarílis, 1983, p. 25)

“Thonon-les-Bains” retrata, assim, o preconceito que recai sobre emigrantes cabo-verdianos em França e o desfecho trágico de uma experiência feminina

de emigração. O ato criminoso do francês pode ler-se como uma afirmação da supremacia do nativo (Jean) sobre o estrangeiro (Piedade). E esta supremacia explicaria ainda as razões pelas quais Gabriel e outros cabo-verdianos, que não cometeram quaisquer crimes em Thonon-les-Bains, fossem expulsos da localidade francesa. O assassinio de Piedade pode ler-se como um crime racial, um crime de supremacia do branco sobre o não branco, do Europeu sobre o não Europeu, do Primeiro Mundo sobre o Terceiro Mundo (Cf. McNab, 1987, p. 66).

O problema da identidade, que vemos representado no conto de abertura da coletânea *Cais do Sodré té Salamansa*, é central em toda a literatura da emigração. A busca identitária, que é propiciada por esse breve encontro de duas mulheres numa estação da capital portuguesa, torna-se ainda mais determinante quando confrontada com as vivências femininas em países outros: Portugal e França. Nessas vivências, assume relevo o encontro com o homem europeu e as práticas de submissão e de violência a que são sujeitas diversas mulheres dos contos de Orlanda Amarílis.

Como justamente assinala Claudia Pazos Alonso (2005, p. 45), os sete contos de *Cais do Sodré té Salamansa* demonstram que as mulheres vivem “the impossibility of complete integration, thereby questioning not only the sexist and racist assumptions which underpin colonial society, but also the widespread myth of lusotropicalism, which had posited the success of racial integration within the Portuguese empire”.

Se as mulheres que permanecem no arquipélago assumem o bem-estar dos filhos que conservam junto de si e sonham com o regresso daqueles que emigraram, as que partiram vivem dramas de integração social, bem exemplificados pelo conto “Thonon-les-Bains”, da coletânea *Ilhéu dos Pássaros*.

Nos sete contos que constituem *Ilhéu dos Pássaros* é possível identificar duas noções de viagem por vezes opostas: a viagem real de cabo-verdianos para Portugal e a viagem imaginária de algumas personagens, maioritariamente femininas. O protagonismo feminino dos textos traduz-se na representação de outros motivos: a resistência das diversas narradoras contra o estatuto menor concedido à mulher na sociedade cabo-verdiana, e a afirmação, linguística e cultural, do universo feminino pelo uso frequente do crioulo.

3. Num texto sugestivamente intitulado “Diáspora – Exílio”, afirmou Orlanda Amarílis que a diáspora cabo-verdiana se concretiza na emigração:

É a fuga clandestina nos barcos estrangeiros onde, caso fossem descobertos, os prevaricadores seriam atirados para dentro das caldeiras que alimentavam o girar da hélice ou o trabalhar das máquinas. Entre bagagem e sacos no porão escondidos, quantas vezes desacautelados, acabavam por ser empurrados borda fora, para regalo dos tubarões... (Amarílis, 1999, p. 43)

Se na história de Cabo Verde a emigração começou por ser um fenómeno essencialmente masculino, ela tornar-se-ia, sobretudo com a independência do arquipélago, um movimento em que as mulheres passaram a ter cada vez maior relevância. Disso mesmo dá conta a autora no mesmo texto, chamando a atenção do leitor para o valor que assume a escrita feminina da diáspora:

A escrita das mulheres na diáspora é necessidade de comunicação, desejo de estar com os outros em postura insular. Postura de saudade se se estiver em terra-longe. É do estar ameno, tranquilo, convivente, fruto do espaço onde nasceram os avós, os pais, a família outra. (Amarílis, 1999, p. 46)

A obra literária de Orlanda Amarílis permite visualizar um conjunto de heroínas que, nas tragédias do quotidiano cabo-verdiano ou nos dramas da emigração, lutam pela afirmação da sua identidade.

O uso do crioulo é também um mecanismo evidente de afirmação da cabo-verdianidade nos contos da escritora.

A emigração, motivo preponderante no conjunto das produções literárias de Orlanda Amarílis (mas já evidente em poesias líricas de *Claridade* e no romance *Chiquinho* de Baltasar Lopes), cumpre o propósito anunciado pela autora no texto supracitado: “para nós, caboverdianos, a nossa diáspora concretiza-se na emigração”.

Todavia, Amarílis traz a esta literatura africana de expressão portuguesa uma visão que não se confina ao tratamento de temas cruciais anteriormente abordados por poetas e romancistas cabo-verdianos. O protagonismo feminino que marca a maioria dos contos da autora permite ao mesmo tempo observar a condição subalternizada de mulheres emigradas (mesmo que elas pertençam a uma elite que pôde sair de Cabo Verde) e atribuir ao universo feminino um valor inexistente na precedente literatura do arquipélago.

Fora ou dentro das ilhas de Cabo Verde, as mulheres tomam a voz. São as suas vivências de familiaridade, de amizade e de cuidado dos filhos (em Cabo Verde) ou de solidão e alienação afetivas (em Portugal e em França) que constroem histórias humanas profundamente realistas. Mas esta “matriz realista” (Santilli, 1990, p. 199) anunciada por *Cais do Sodré té Salamansa* e continuada em *Ilhéu dos Pássaros* e *A Casa dos Mastros* é, por vezes, o ponto de partida para histórias fantásticas, porventura porque a inclemência da realidade obriga à construção de mundos imaginários mais felizes: são os mundos em que os sonhos se concretizam.

Referências bibliográficas

- Amarílis, O. (1983). *Ilhéu dos Pássaros*. Lisboa: Plátano Editora.
 Amarílis, O. (1989). *A Casa dos Mastros*. Linda-a-Velha: ALAC.
 Amarílis, O. (1991). *Cais do Sodré té Salamansa* (2ª ed.). Lisboa: ALAC.
 Amarílis, O. (1999). Diáspora – exílio. *A Mulher Escritora em África e na América Latina* (pp. 43-46). Lisboa: NUM.
 McNab, G. (1987). Sexual Differences: The Subjection of Women in Two Stories by Orlanda Amarílis. *Luso-Brazilian Review*, XXIV (1), 59-68.
 Pazos Alonso, C. (2005). Race and gender in Orlanda Amarílis’ *Cais do Sodré té Salamansa*. *Lusotopie*, XX (1-2), 45-53.

Resumo

Orlanda Amarílis, a primeira narradora cabo-verdiana com obra publicada, dedicou a sua produção literária à representação da diáspora do arquipélago, focalizando o ponto de vista feminino. As suas três coletâneas de contos – *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos Pássaros* (1983) e *A Casa dos Mastros* (1989) – são narrativas centradas na emigração forçada de mulheres cabo-verdianas em contextos colonial e pós-colonial.

Os propósitos deste ensaio são: 1) Identificar os conceitos de viagem e de migração propostos pela narradora nas três coletâneas; 2) Explicitar as suas mais significativas intertextualidades; 3) Demonstrar que os contos de Orlanda Amarílis constituem uma reflexão muito relevante sobre a diáspora cabo-verdiana.

Abstract

Orlanda Amarílis, the first female Cape Verdean writer with published work, devoted her literary production to the diasporic representation of the archipelago, focusing on feminine viewpoints. Her three collections of short stories – *Cais-do-Sodré té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos Pássaros* (1983), and *Casa dos Mestros* (1989) – examine the forced emigration of Cape Verdean women in colonial and post-colonial times.

The main purposes of this essay are: 1) To identify the concepts of travel and migration proposed by the narrator in her short stories; 2) To explain their most significant intertextualities; 3) To show that Orlanda Amarílis' short stories are a very relevant vision about Cape Verdean diaspora.